


# L • E • T • U • R • A • S

 CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

SUPLEMENTO CULTURAL

Ano I nº 3 janeiro de 1993

Rômulo Andrade





Brasília foi concebida para ser uma cidade ideal e moderna. Foi pensada "não apenas como urbs, mas como civitas, possuidora dos atributos inerentes a uma capital". Ela deveria ser "monumental", "no sentido da expressão palpável, por assim dizer, consciente, daquilo que significa". Uma "capital aérea e rodoviária; uma cidade parque". (1) Uma nova sede político-administrativa, idealizada para um país cheio de contradições e problemas sociais. Lúcio Costa propôs:

"Cidade planejada para o trabalho ordenado e eficiente, mas ao mesmo tempo cidade viva e aprazível, própria ao devaneio e à especulação intelectual, capaz de tornar-se, com o tempo, além de centro de governo e administração, num foco de cultura dos mais lúcidos e sensíveis do país".(2)

Brasília foi fruto de um projeto que, ao se realizar, defrontou-se, como qualquer teoria, com a mediação da realidade. Existem duas faces da mesma cidade. Uma no domínio da ideologia; outra, como peça real de nossa história. A primeira insere-se na nossa cultura e nas ligações da mesma com a europeia. A segunda é genuinamente brasileira.

A busca do moderno tem sido uma preocupação constante nas nossas manifestações políticas, artísticas e literárias. Desde a década de 1920, a bandeira modernista vem sendo empunhada pelos mais diferentes segmentos de nossa intelligentsia. A literatura e as artes plásticas expostas na Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo, em fevereiro de 1922, serviram como divisor de águas. (3) O modernismo arquitetônico bebeu na mesma fonte de escritores, músicos, escultores e pintores que produziram obras de vanguarda. (4)

O urbanista Augusto Guimarães Filho, principal colaborador de Lúcio Costa na implementação do Projeto Brasília, afirmou, sugestivamente, em entrevista dada ao ArPDF:

"Nós, nós sempre, fui... eu nasci moderno. Eu nasci, não sei por que, não sei por que, não parece ser verdade, mas eu nasci moderno e tinha uma avidez muito grande de informação. Somos poucos, somos raros. Então... por ser pouco, sermos raros a gente procurava..."(5)

Existem dois pressupostos básicos no movimento modernista brasileiro: a manu-

# Projeto Brasília:

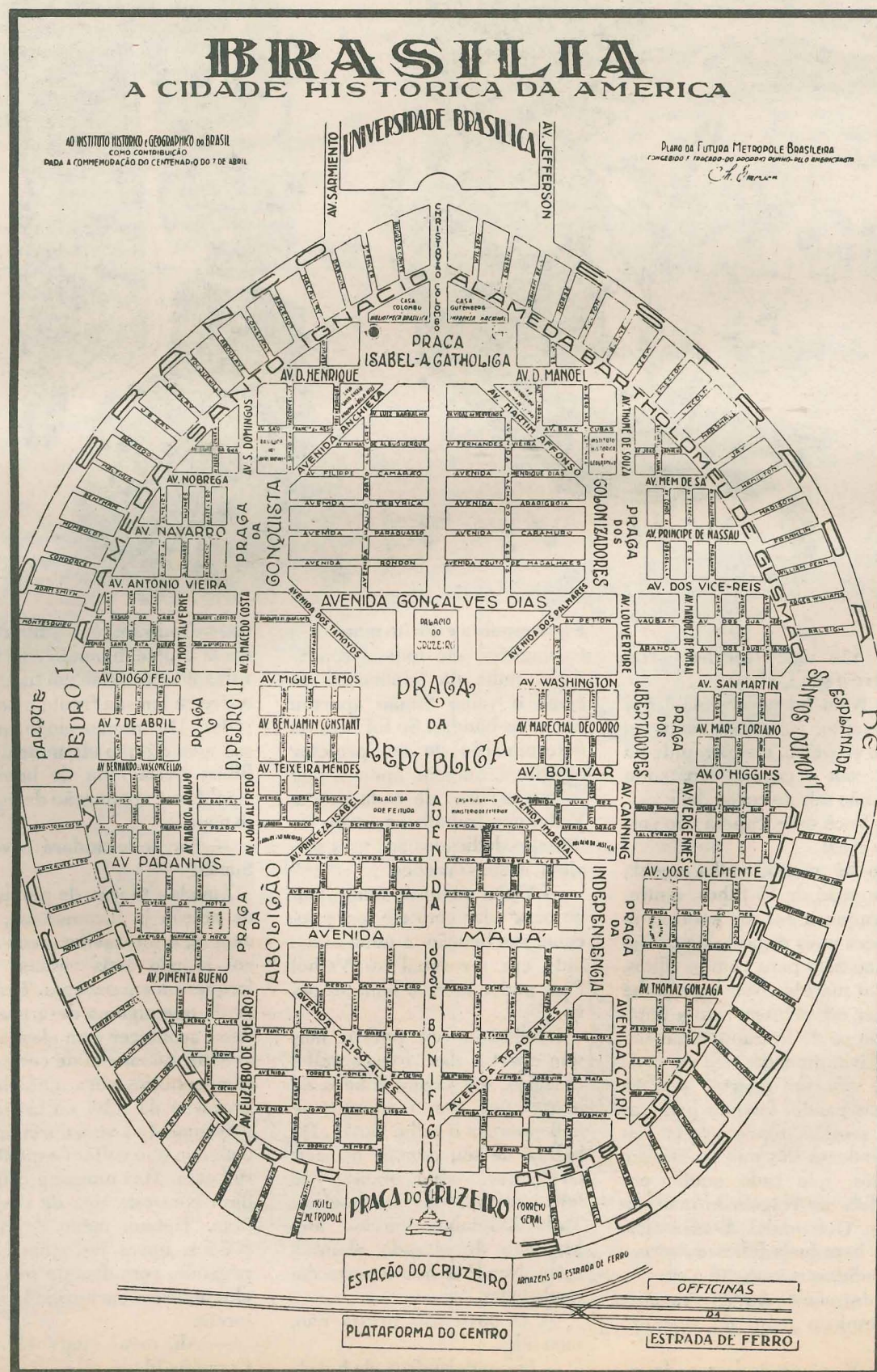
## Modernidade e História

"Com o título em epígrafe, o Prof. Luís Carlos Lopes acaba de defender sua tese de Doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo, com nota máxima. Embora ainda inédita, sua obra estabelece um marco, uma esquina irretornável na construção historiográfica de Brasília, como depreende-se do presente artigo"

**LUÍS CARLOS LOPES**

Universidade de Brasília

### I - Preliminares



Plano Elaborado pelo americanista brasileiro Theodoro Figueira de Almeida, em 1930.

Plan Elaborated by the Brazilian Americanist, in 1930.

tenção da fidelidade às nossas raízes culturais e a busca da universalização de nossa produção. De um lado, a rejeição relativa de uma estética colonizada e a afirmação de uma 'paixão inteligente pelo Brasil'.(6) De outro, a proposição de novas sintonias com o que se fazia pelo mundo afora.

Um problema enfrentado por este movimento foi o "hiato ainda maior entre as bases materiais da nação Brasil e as manifestações culturais modernistas". (7) Mas, no amplo leque modernista, existem diferenças substantivas. Aproximações e afastamentos dignos de nota, tal como Alfredo Bosi chama à atenção no seu estudo sobre a dimensão literária do tema. (8) Não seria exagero dizer que o modernismo foi, neste século, o mais importante signo de nossa produção intelectual. Foi reproduzido, refundido, atualizado e revisto em épocas distintas e por correntes de pensamento variadas. Manteve-se, todavia, como elemento de instigação intelectual. Algumas vezes, o movimento modernista serviu para esclarecer e, em outras, para ocultar os fundamentos materiais da realidade da qual fazia parte, enquanto ideologia.

Marshall Berman (9) discutiu os problemas decorrentes da modernidade em escala universal. Ele chamou as grandes obras e outros empreendimentos, que uniram o público e o privado no mundo do século XX, de "modelo fáustico de desenvolvimento". Alertou para o fato de que, nos países pobres, "planos sistemáticos para um rápido desenvolvimento significam em geral a sistemática repressão das massas".(10) Deu como um dos seus exemplos os mirabolantes projetos stalinistas e a influência dos mesmos em países capitalistas do Terceiro Mundo onde "milhões de pessoas têm sido vitimadas por desastrosas políticas de desenvolvimento concebidas em compasso megalomaniaco".(11) Esqueceu de acentuar que muitos destes projetos tiveram o financiamento, a ajuda técnica e o apoio político de países capitalistas do chamado Primeiro Mundo.

As idéias de Berman foram relativizadas por Perry Anderson. Existiram e existem várias práticas estéticas arbitrariamente enquadráveis na noção de modernismo:

"a mais vazia de todas as categorias culturais. Ao contrário dos termos gótico, renascentista, barroco, mane-



rista, romântico ou neoclássico, ele o modernismo não designa nenhum objeto passível de descrição por si mesmo; carece completamente de qualquer conteúdo positivo.”(12)

Em que pese o tom um tanto ou quanto ortodoxo de Anderson, as suas críticas à proposta de Berman têm elementos que devem ser considerados com seriedade. Pensamos que o ponto mais fraco do teórico do modelo fáustico é o de desprezar a historicidade das ideologias. A leitura ou aplicação de uma mesma ideologia em situações históricas diferentes pode provocar resultados paradoxais. A história do Brasil é repleta de exemplos de reinterpretções de ideologias importadas, com resultados por vezes opostos às propostas originais.

A combinação brasileira do “moderno material com o autoritário do mando e desmando” foi observada por Octavio Ianni (13), numa abordagem que lembra a de Berman, mas com diferenças de conotação bastante significativas:

“A construção da cidade de Brasília pretende simbolizar o Brasil Moderno, representa o coroamento de uma larga história de intentos de tornar o Brasil contemporâneo do seu tempo. Uma capital nova, feita sob medida, lançada em traços audaciosos, nas proporções do século XXI; e povoada pela mesma humanidade que se pretendia esquecer, ou exorcizar.”(14)

A obra de Francisco Foot Hardman (15) ao examinar a construção da ferrovia Madeira-Mamoré, defrontou-se com o dilema da proposta de modernidade no Brasil. Indicando a contradição aparente entre o progresso tecnológico e a manutenção da barbárie da organização social, Hardman teve como uma de suas fontes de inspiração o livro de Berman, considerado por ele como um “belo e exuberante ensaio”.(16)

Os sujeitos de uma história caracterizada por opressões, exclusões e discriminações sociais e raciais sistemáticas não são bem precisados em Berman e em alguns de seus seguidores. Fica-se com a impressão de que a história se move por meio de muletas ideológicas. Os atores reais desaparecem e dão lugar a personagens fantasmagóricos, que não têm interesses materiais a defender. As idéias substituem os homens de carne e osso que as desposaram. As suas opiniões e

crenças são mais fortes do que as suas inserções na vida material. O mundo deixa de ser cognoscível, permanecendo virado de ponta-cabeça. As diversas instâncias da história não são passíveis de interação e de compreensão racional. Todavia, as mesmas irrompem, inúmeras vezes, corroendo os seus esquemas explicativos, criando paradoxos e apontando para a honestidade intelectual da proposta.

De ângulo similar, Silvano Santiago (17) e Lúcia Lippi Oliveira (18) criticaram o “otimismo edificante” do modernismo da época da construção de Brasília e o associaram à “questão nacional”, também presente “na geopolítica, no projeto Rondon, na ocupação da Amazônia, no projeto Calha-Norte”, etc. Lúcia Lippi lembrou que:

“O caminhar da modernização fáustica no Brasil produziu a coexistência de situações muito díspares: o índio e o yuppie, o analfabeto e o pós-doutor, a mais ousada tecnologia junto com o jegue e o carro de boi, a oitava economia do mundo e altas taxas de mortalidade infantil. Como pensar uma nação, uma unidade simbólica com situações tão heterogêneas?”(19)

Hoje, compreendem-se os efeitos das propostas modernizadoras que procuraram excluir a maioria de possibilidades de intervenção. Seria Brasília uma esfinge construída no meio de nosso imenso território, depositária dos nossos segredos contemporâneos? A sua construção simbolizaria um ensaio de nossa modernidade histórica?

## As utopias, a política, o urbanismo e a arquitetura

A idéia de uma cidade perfeita remonta à antiguidade clássica. Platão (c.428/7-348/7 a. C.), possivelmente, foi um dos primeiros pensadores a imaginar e escrever um livro sobre uma república artificial organizadora dos designios históricos. Antes da filosofia grega, houve a experiência da cidade de Akhetaton (aproximadamente, 1350 a. C.) no antigo Egito. Salvo engano, a primeira a ser desenhada e planejada antes das edificações.(20)

O livro A Cidade de Deus de Santo Agostinho, escrito

na Alta Idade Média, retomava este tema. De certo modo, os desenhos do céu, do purgatório e sobretudo do inferno, feitos por Dante Alighieri (1265-1321) na Divina Comédia, postularam soluções para os problemas do homem.

Mas foi no Renascimento que a proposta de uma cidade ideal, que corrigisse os problemas das cidades e das sociedades reais, ganhou especial vigor com a Utopia (1516) de Thomas More (1478-1535) e a Cidade do Sol (1602) de Tommaso Campanella (1568-1639). A Nova Atlântida (1627) de Francis Bacon (1561-1626) perseguiu objetivos semelhantes aos de seus predecessores.(21) Nos três casos, partiu-se da realidade para a utopia e desta, para aquela. A noção de cidades ideais e o sonho utópico de organização benfazeja da vida social, a partir da idéia transformada em doutrina, marcaram, indelevelmente, o mundo ocidental. Não se tratava mais de esperar o reino de felicidade eterna depois da morte e sim de trazer o céu para a luz da vida na Terra.

O utopismo do Renascimento foi atualizado nos séculos XVIII e XIX pelo Iluminismo e pelos anarquistas, comunistas e socialistas pré-marxistas, na França e na Inglaterra. Engels (1820-1895), referindo-se a Saint-Simon (1760-1825), Charles Fourier (1772-1837) e Robert Owen (1771-1858), afirmou que para estes:

“O socialismo é a expressão da verdade absoluta, da razão e da justiça, e é bastante revelá-lo para, graças à sua virtude, conquistar o mundo. E, como a verdade absoluta não está sujeita a condições de espaço e de tempo nem ao desenvolvimento histórico da humanidade, só o acaso pode decidir quando e onde essa descoberta se revelará” (22)

Hoje, podemos afirmar que o pensamento e a prática marxistas não conseguiram ser tão “científicos” e nem tão afastados das quimeras dos socialistas utópicos. Pelo contrário, o sonho de se arquitetarem sociedades perfeitas e cidades ideais permaneceu. O pensamento utópico continuou tendo influência e fazendo parte do discurso aberto e oculto dos movimentos revolucionários contemporâneos. Sua imensa influência intelectual fez com que a noção de “verdades absolutas” invadisse vários domínios do saber e que se pretendesse “melhorar” o mundo com propostas inovadoras. A “ciência” transformou-se em “doutrina universal” sem considerar o es-

paço, o tempo e o desenvolvimento histórico da humanidade.

A presença dos elementos utópicos no socialismo contemporâneo já era percebida, em 1929, por Karl Mannheim (1893-1947). De acordo com o autor, “a mentalidade socialista” tinha conseguido a “redefinição da utopia em termos de realidade”, superando a hesitação liberal.(23) Todavia, “jamais aplicou o método a si mesmo e nunca refreou seu próprio desejo de ser absoluto”.(24) Mannheim aplicou o método à teoria e à prática em que acreditava, como o cientista que primeiro inocula a vacina em si próprio. O seu procedimento foi raro no século XX.

As origens remotas e o desenvolvimento do pensamento arquitetônico moderno já foram exaustivamente expostos e analisados.(25) Nos limites desta pesquisa, interessa a recuperação de alguns fatos e teorias sobre o mesmo problema.

Uma das fontes do urbanismo moderno, enquanto saber estabelecido, foi a crítica dos socialistas utópicos e “científicos” à cidade originária da Revolução Industrial.(26) Outra das inspirações da modernidade urbana foi a experiência da Ringstrasse vienense da segunda metade do século passado, delimitada pela visão liberal.(27) Neste caso, a crítica à cidade tradicional não ultrapassou o paradigma burguês.

Engels foi um dos críticos mais ácidos das cidades industriais erguidas na Inglaterra do século passado.(28) A Londres que descreveu era uma cidade onde predominavam os horrores da miséria, da fome, das péssimas condições sanitárias e habitacionais. Tudo isto convivendo com a opulência urbana

trazida pela industrialização. Falou de “bairros miseráveis (...), organizados da mesma forma em quase toda a Inglaterra e constituídos pelas piores casas, nas zonas piores da cidade”. Descreveu ruas “geralmente sujas, cheias de detritos vegetais e animais, sem esgotos e cobertas de poças de água estagnada e fétida”.(29)

A consolidação da Revolução Russa de 1917, o crescimento universal do movimento operário e, sobretudo, a nova fase da Revolução Industrial (eletricidade, petróleo e imperialismo), vivida intensamente na Europa e nos Estados Unidos, levaram à formulação do denominado “estilo internacional”(30) da arquitetura e do urbanismo. Pretendeu-se dar uma resposta teórica e traçar um plano de trabalho para o mundo. Deixava-se de se considerar as diferenças histó-

ricas. Pensava-se em soluções modelares. Seguiram-se os pressupostos da prevalência da técnica e da possível emergência de uma revolução mundial. Acreditava-se que o futuro estava do outro lado da rua e que era necessário preparar as cidades para a nova situação que se avizinhava. Os objetivos a serem perseguidos eram o de reformar os “cancros” da vida urbana e o de produzir cidades modernas, calcadas em tudo que a tecnologia pudesse oferecer.(31) Segundo Harouel:

“O urbanismo progressista obcecado pela modernidade. A cidade do século XX deve ser de seu tempo, afirmar a contemporaneidade de tudo aquilo que se traduz como avanço da técnica a indústria, o automóvel, o avião. A estética modernista à base de racionalidade e austeridade é acompanhada pelo desprezo da cidade antiga”.(32)

Um desprezo fundamentado na crítica à exclusão social representada pelas cidades desenvolvidas ou criadas pela primeira fase da Revolução Industrial (vapor e livre-concorrência). Neste sentido, o urbanismo e arquitetura progressista também se alimentaram da crítica nazi-fascista ao mundo criado pelo liberalismo. É bem verdade que a recíproca não é verdadeira. O nazismo os repudiou, perseguindo os arquitetos da Bauhaus.(33) O fascismo italiano manteve uma postura ambígua, apadrinhando, até certo ponto, o futurismo.(34) O filme Metrópolis (1926), de Fritz Lang (1890-1976), talvez seja uma das melhores expressões artísticas das ansiedades moderno-futuristas.

Os Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (Ciam) e a sua direção — Comitê Internacional para a Resolução de Problemas Arquitetônicos Contemporâneos (Cirpac) — serviram para fixar o “estilo internacional” e para difundir-lo pelo mundo afora. Tudo foi facilitado pelo concurso internacional de arquitetura para a construção do Palácio da Sociedade das Nações em Genebra, realizado em 1927. Neste evento, Le Corbusier e outros modernos destacaram-se como vencedores morais, embora formalmente derrotados. No ano seguinte, um grupo de arquitetos modernistas europeus reuniu-se em Chateau La Sarraz, na Suíça, e fundou os Ciam e o Cirpac. Estas organizações sobreviveram à II Grande Guerra e ao estabelecimento da Guerra Fria. Fizeram reuniões em inúmeros países europeus. A partir do final da década de 30 o Brasil passou a ter representantes nos Ciam. Lúcio Costa Oscar Niemeyer, dentre outros foram reconhecidos como



membros do mesmo movimento. (35)

Nos Estados Unidos, o estilo internacional teve importante espaço para se desenvolver. O país garantiu a expansão do movimento ao abrigar alguns arquitetos refugiados do nazifascismo e da guerra, dando-lhes meios de trabalho e reconhecendo seus talentos. De lá, o modernismo arquitetônico pôde ser reexportado. Os princípios estéticos da Bauhaus foram salvaguardados. (36)

Tom Wolfe criticou duramente a arquitetura moderna dos EUA, da Europa e, especialmente, a produzida ou influenciada por Walter Gropius e por Le Corbusier. (37) As suas críticas são permeadas pela clara tentativa de celebrar as grandes construtoras e imobiliárias que promovem uma arquitetura e um urbanismo puramente comerciais. Monumentos ao dinheiro! Modernos templos devotados à glória e ao poder de grandes corporações, de velhos ricos, cada vez mais endinheirados e de novos milionários escandalosos.

Um navio nas águas do mar Mediterrâneo e a cidade de Atenas foram os cenários do IV Congresso dos Ciam, realizado em 1933. O evento deveria ter ocorrido em Moscou. As autoridades soviéticas já demonstravam certas desconfianças com o modernismo arquitetônico e com outras expressões artísticas da época. O "medo do novo" já havia se instaurado no país dos Soviets. (38) A Carta de Atenas não poderia ter sido a Carta de Moscou. As conclusões do IV Congresso foram publicadas por Le Corbusier, por volta de 1941, numa versão contendo acréscimos pessoais às resoluções deste encontro internacional. Duas outras versões do mesmo documento foram publicadas em 1942. A de Corbusier prevaleceu como livro de cabeceira do estilo internacional do urbanismo e da arquitetura. A sua imensa produção o autorizou a "revelar" os cânones do movimento. (39) As idéias deste manifesto programático foram divulgadas e aceitas em escala mundial. Apesar da imensa influência no Brasil, a Carta de Atenas só foi publicada, em português, em 1989. (40)

Os princípios fundamentais da Carta eram, segundo Rebeca Scherer:

*"A obrigatoriedade do planejamento regional e intra-urbano, a submissão da propriedade privada do solo urbano aos interesses coletivos, a industrialização dos componentes e a padronização das construções, a limitação do tamanho e da densidade das cidades, a edificação concentrada, porém adequadamente relacionada com amplas áreas de vegetação. Supu-*

*nha ainda o uso intensivo da técnica moderna na organização das cidades, o zoneamento funcional, a separação da circulação de veículos e pedestres, a eliminação da rua-corredor e uma estética geometrizarante".* (41)

Foi pensada uma solução padronizada para o equipamento urbano de todo o mundo. Partiu-se do princípio de que as necessidades humanas eram idênticas em toda parte. Não foram consideradas as peculiaridades do desenvolvimento histórico de cada região. Fez-se um plano para solucionar problemas sociais, econômicos e políticos. Difundiu-se a idéia de um urbanismo e de uma arquitetura capazes de curar as feridas urbanas do parto universal do capitalismo. Tal como Fourier, passou-se a acreditar em "falanstérios" onde se poderiam juntar "pessoas de desigualdade variada em fortunas, idades e caráter (e) em conhecimentos teóricos e práticos", que poderiam ser harmonizadas numa associação perfeita. (42) Não demorariam a surgir problemas resultantes de adaptações e adequações regionais do estilo internacional.

Em 1962, Georg Lukács (1885-1971), observando os problemas da arquitetura contemporânea, via dificuldades para que ela rompesse, por completo, com a fetichização de seu objeto. Não acreditava que a arquitetura tivesse sido capaz de produzir um novo espaço social, inclusive na União Soviética. Acreditava que o stalinismo tinha contribuído para esta limitação. De acordo com o pensador húngaro, as condições histórico-sociais existentes impossibilitaram uma mudança real. Considerava os arquitetos progressistas numa equação sem saída. Achava que eles se limitavam a produzir obras agradáveis, sem conseguirem propor soluções para problemas que escapavam à sua alçada. (43)

Em 1985, Juergen Habermas fez uma defesa apaixonada da arquitetura moderna contra os denominados "pós-modernos". Segundo o filósofo alemão, ela continuou:

*"A tradição do racionalismo ocidental, e foi suficientemente forte para criar modelos, isto é, se tornar clássica e fundar uma tradição que desde o início ultrapassava fronteiras nacionais.* (...)

*As manifestações hoje evidentes de crise na arquitetura moderna remontam menos a uma crise dela própria e, mais, ao fato de que ela se deixou voluntariamente sobrecarregar".* (44)

Habermas continua acreditando que é possível planejar racionalmente cidades e prédios. Retirando-se os seus elementos utópicos, seu esquematismo

inicial etc., a arquitetura moderna ainda é válida e pode se renovar. Os seus princípios gerais podem servir de base para novas soluções. Não há por que considerá-la superada e sem função para o mundo atual. Para ele, um dos seus méritos foi o da superação do "pluralismo estilístico, bem como das dissociações e especializações a que a arquitetura havia se conformado", no século passado. (45)

Os adeptos do pós-modernismo são inimigos da arquitetura e urbanismo inspirados em Le Corbusier, Gropius e outros. O livro de Edward Relph — A paisagem urbana moderna — talvez seja um dos mais vigorosos manifestos antimodernistas traduzidos para a língua portuguesa. Ele resumiu a crítica que vem se desenvolvendo desde a década de 60. Os Estados Unidos adotaram o modernismo arquitetônico e deram condições de trabalho nunca antes conhecidas aos seus adeptos. Hoje, parcela expressiva de sua intelligentsia o repudia e canta loas ao pós-moderno. (46) A reação pós-moderna tem se expandido e se esforçado em demolir os pressupostos que fundamentaram o modernismo. (47)

O racionalismo das propostas da nova arquitetura nunca foi integral e politicamente revolucionário. É verdade que esta proposta estética subverteu os conceitos antigos da arquitetura. Não se pode esquecer de que o modernismo arquitetônico serviu a governos, a economias e a sociedades conservadoras. As soluções para o espaço arquitetônico das maiorias foram facilmente conversíveis em adereços de projetos que, de fato, beneficiaram as minorias.

Nos Estados Unidos e em muitos países europeus, o modernismo foi domesticado e passou a produzir para os governos, para as grandes corporações e para os milionários. No Brasil, os novos arquitetos projetaram, principalmente, para o Estado. Porém, não deixaram de trabalhar para as empresas e os endinheirados. Por que, então, tanta virulência contra a nova arquitetura? Por que valorizar tanto a volta ao antigo, a propor soluções ainda mais artificiais do que as do modernismo? Seria a questão da abertura do mercado para outras correntes? Numa época de tantas demolições, de quedas de mitos e de contestação de verdades absolutas há um cenário propício para se tentar destruir uma tradição estética progressista e libertadora. Isto é mais fácil, cômodo e lucrativo do que pensar em revisar e atualizar o modernismo arquitetônico. O que se deseja de fato é trocar um fetiche por outro ainda mais alienado? As reflexões de Habermas permanecem atuais.

Anatole Kopp é outro dos raros intelectuais que continuam a fazer a defesa do modernismo. Sua atitude vai contra a maré que agita o fim da história, da razão e das ideologias. Sua proposta é a do resgate da tradição libertadora dessa corrente do pensamento arquitetônico, despidida de seus problemas originais:

*"É verdade que as condições históricas que em parte estiveram na origem do nascimento e desenvolvimento da arquitetura "moderna" não são as atuais, mas as abordagens, os modos de raciocinar e as técnicas dos "modernos" não esgotaram suas possibilidades e continuam sendo o núcleo racional de toda criação arquitetônica, apesar de desagradar aos partidários da cópia do passado e da subjetividade e do espontaneísmo.*

(...)

*É nesse sentido que o "moderno" poderia existir ainda hoje — apesar dos efeitos conjugados contra ele da moda, dos meios de comunicação e da corrida ao lucro imediato — e pode tornar-se novamente uma linguagem viva, uma causa como foi durante o período entre as duas guerras e não um estilo, ao que certas pessoas o reduziram".* (48)

O Brasil é o país do denominado Terceiro Mundo onde estas discussões são mais pertinentes e significativas. aqui, o modernismo arquitetônico construiu a capital e inúmeros prédios e monumentos nas grandes cidades. Os urbanistas e arquitetos modernistas tiveram especial destaque na vida do país, durante os últimos 50 anos. Desde a Era Vargas, sucessivos governos federais, estaduais e municipais patrocinaram suas obras. Inúmeros políticos incluíram em suas administrações a construção de trabalhos projetados por arquitetos desta corrente. Desenvolveu-se um "mecenato" estatal e a adoção deste estilo por setores expressivos da máquina de Estado.

Ainda hoje, o principal "cliente" da arquitetura moderna é a administração pública. Todavia, não se deve desprezar a importância dos projetos encomendados pela área privada. Lúcio Costa e Oscar Niemeyer transformaram-se em cidadãos do mundo, a partir da realização de suas obras no Brasil e no exterior. As nossas condições históricas determinaram que aqui pravelecesse o "estilo" sobre a "causa". A natureza do Estado brasileiro e o estatismo da modernidade arquitetônica limitaram as potencialidades da nova arquitetura. Sob o ponto de vista dos arquitetos, viveu-se uma ambiguidade entre a "causa" e o "estilo".

Yves Bruand produziu um

exaustivo levantamento histórico da arquitetura contemporânea brasileira. (49) Estudou-a desde as suas origens. Comentou o processo de desenvolvimento e a conquista da hegemonia pelo Modernismo, na década de 30.

O projeto e a construção do prédio do Ministério da Educação e da Saúde, no Rio de Janeiro, foi um marco decisivo. Le Corbusier veio ao Brasil, a convite do Ministério, para assessorar o grupo de seis arquitetos encarregados por Gustavo Capanema (50) de produzirem o monumento. (51) No mesmo grupo estavam Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. Pela primeira vez, um órgão do Poder Executivo encomendava uma obra de grandes dimensões e custos a representantes da nova arquitetura. O projeto definitivo ficou a cargo da equipe brasileira. (52) Nesta obra, construída entre 1937 e 1943, estiveram presentes os elementos políticos, teóricos e práticos básicos que, por fixação da experiência, permaneceram, duas décadas depois, a construção de Brasília. O trabalho de equipe foi um dos componentes do sucesso do empreendimento. Nele, desenvolveram-se os laços entre Lúcio Costa e Oscar Niemeyer.

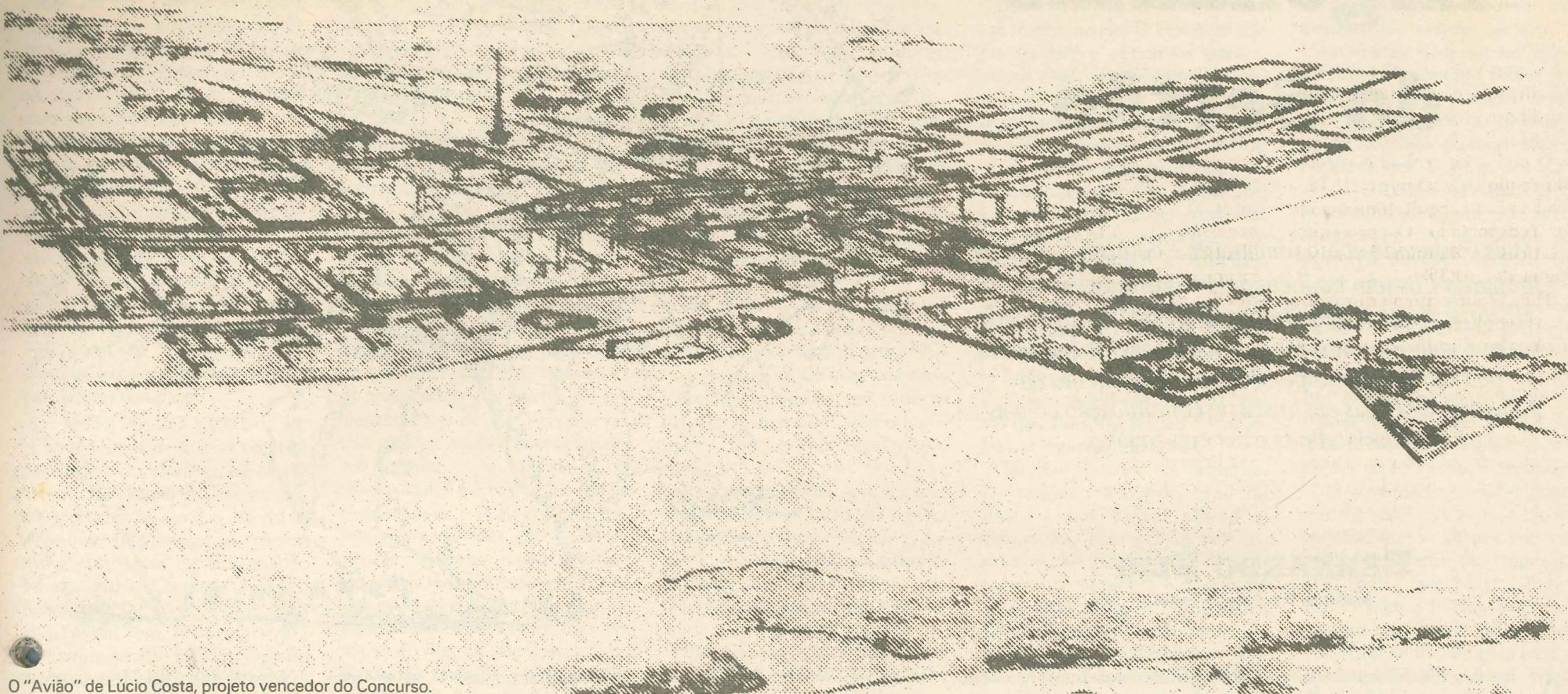
Não é objetivo deste trabalho descer a minúcias da evolução do modernismo arquitetônico brasileiro. Isto já foi feito por Bruand (53), que também reuniu inúmeras fontes primárias e secundárias sobre o tema. Interessa recuperar dados pontuais, significativos para o Projeto Brasília. Neste sentido, é preciso lembrar o extraordinário desenvolvimento de Oscar Niemeyer (54), como arquiteto, durante décadas de 40 e 50, com a execução de dezenas de projetos no Brasil e no exterior. (55) No caso específico da Pampulha (56) (1942), foi sedimentada a forte ligação pessoal com Juscelino.

O talento individual, a capacidade de produção sistemática e o trânsito internacional do arquiteto, somados às boas relações pessoais cultivadas com alguns dos "donos do poder", possibilitaram atingir a sua posição de "delfim" da arquitetura brasileira.

Niemeyer resumiu a sua evolução, a partir da experiência do prédio do Ministério da Educação:

*"Aí eu comecei a trabalhar e fiquei muito amigo do Capanema. O Capanema me chamava pra tudo, pra almoçar, pra conversar, pra visitar as obras dos artistas que participaram do Ministério: Portinari; Celso Antônio, e... fiz Pampulha. Ele me levou a Belo Horizonte, me apresentou ao Juscelino. Então Pampulha foi meu primeiro trabalho... assim importante na minha modesta vida de arquiteto-*





O "Avião" de Lúcio Costa, projeto vencedor do Concurso.

to. Era uma abertura, era como a contestação do ângulo reto. Era levar arquitetura como uma forma mais livre, utilizando a curva, que tanta lembrança nos dava com as igrejas de Ouro Preto, barrocas. E a arquitetura então abriu um caminho novo para a arquitetura brasileira, a Pampulha, compreendeu? E hoje se você examinar o que existe na arquitetura brasileira, o que pelo menos é conhecido lá fora, é tudo uma coisa que começou na Pampulha... (57)

A obra de Niemeyer tem sido objeto de inúmeros textos biográficos e analíticos. (58) A sua personalidade, a filiação ao Partido Comunista, as ligações com políticos influentes e, principalmente, os seus trabalhos são, algumas vezes, alvo de críticas muitas vezes exacerbadas e inquisitoriais. No Brasil, ele é mais contestado do que no exterior. O senso comum brasileiro relaciona a arquitetura moderna e a construção de Brasília à sua pessoa. A condição de "defim" fez com que ele estivesse em evidência permanente na mídia, desde a década de 50. As suas idéias sobre a arquitetura conseguiram, apesar de muitas dificuldades, ser respeitadas, mesmo no período mais duro da ditadura militar. Está ainda para ser feita uma apreciação objetiva e racional do valor de sua arquitetura e da sua importância no Brasil e no mundo. Yves Bruand é um dos poucos que tentara o caminho da objetividade, sem esconder a sua admiração. (59)

Lúcio Costa (61), possivelmente, devido às suas características pessoais, se manteve reservado.

Os seus aparecimentos na mídia são ocasionais e o senso comum, raramente, o associa a Brasília. Todavia, a sua importância para a arquitetura moderna é inquestionável. Ele foi um dos principais mentores intelectuais deste movimento. (62) Estabeleceu os seus parâmetros e os vinculou, indelevelmente, ao denominado "estilo internacional". Muito brasileiro, mas profundamente influenciado pela cultura europeia, Lúcio Costa pôde navegar, sem maiores problemas, num estilo que se propunha a alcançar a universalidade. Admirador de Le Corbusier, escolheu para si a especialidade do urbanismo, sem descuidar da produção de prédios e outros monumentos arquitetônicos. Notabilizou-se pelo planejamento urbanístico de Brasília. Talvez tenha sido o único arquiteto do mundo contemporâneo que pôde projetar a capital de seu próprio país, acompanhar a sua construção e desenvolviment.

## NOTAS

- 1 RELATÓRIO do Plano Piloto de Brasília. Brasília: GDF, 1991.
- 2 Id. ibid.
- 3 Cf. BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1990. p. 341.
- 4 Ver: XAVIER, Alberto. (org.) Arquitetura moderna brasileira: depoimento de uma geração. São Paulo: Pini/Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura/Fundação Vilanova Artigas, 1987. Importante coletânea de textos e depoimentos de arquitetos e outros intelectuais modernistas. Os trabalhos sobre Brasília foram, propositalmente, excluídos.
- 5 GUIMARAES FILHO, Augusto. Depoimento. Rio de Janeiro, ArPDF, junho de 1989.
- 6 Ver: BOSI, Alfredo. Op. Cit.
- 7 Id. Ibid. p. 344.
- 8 Id. Ibid. p. 341 a 553.
- 9 BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Cia das Letras, 1986. A edição princeps em inglês é de 1982.
- 10 Id. Ibid. p. 74.
- 11 Id. Ibid. p. 76.
- 12 ANDERSON, Perry. Modernidade e Revolução. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, n. 14, p. 2 a 15, fev. 1986. O original foi publicado na New Left Review, 144, março-abril 1984.

- 13 LANNI, Octavio. A idéia de Brasil moderno. Resgate, Campinas, v.1, p. 19 a 38.
- 14 Id. Ibid. p.31.
- 15 HARDMAN, Francisco Foot. Trem Fantasma: a modernidade na selva. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.
- 16 Id. Ibid. p. 206.
- 17 SANTIAGO, Silviano. Nas malhas da letra. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- 18 OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Modernidade e questão nacional. In: Lua Nova, São Paulo, n. 20, p. 41 a 68, maio 1990.
- 19 Id. Ibid. p. 65.
- 20 Cf. WASSEF, Ayyam. Akhetaton, a cidade do sol. CORREIO DA UNESCO. As utopias ou a busca do impossível. Rio de Janeiro, ano 19, n. 4, p. 17 e 18, abril 1991.
- 21 Ver: CAMPANELLA, Tomaso. A Cidade do Sol. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978; MORE, Thomas. A Utopia. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979; BACON, Francis. Novum organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza; Nova Atlântida. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores).
- 22 ENGELS, Friedrich. Do socialismo utópico ao socialismo científico. In: MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. Textos. São Paulo: Edições Sociais, 1975. v.1, p. 37.
- 23 MANNHEIM, Karl. Ideologia e utopia. trad. Sérgio Magalhães Santeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1972. p. 268.
- 24 Id. Ibid. p. 273.
- 25 Ver: BENEVOLO, Leonardo. A cidade e o arquiteto. São Paulo: Perspectiva, 1984. 144 pp; História da arquitetura moderna. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1989. 813 pp.
- 26 Cf. HAROUEL, Jean-Louis. História do urbanismo. São Paulo: Papirus, 1990. p. 114 a 131.
- 27 Ver: SCHORSKE, Carl E. Viena fin-de-siecle. 3 reimp. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. p. 43 a 124. (A Ringstrasse, seus críticos e o nascimento do modernismo urbano).
- 28 Ver: ENGELS, Friedrich. A situação da classe trabalhadora em Inglaterra. Porto: Editorial Presença, 1975. O livro é de 1845.
- 29 Id. Ibid. p. 47.
- 30 Walter Gropius repudiou a expressão estilo internacional, de modo pouco convincente, em artigo publicado, originalmente, em 1954. Segundo ele, no período ainda não havia "o necessário distanciamento para medir os fatos objetivamente". Le Corbusier não só a advogava como previa o advento de características locais no movimento, impostas pelo clima e pelas tradições. Ver: GROPIUS, Walter. Bauhaus: nova arquitetura. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1977. p. 131 a 138; Le Corbusier. Planejamento urbano. 3. ed. São Paulo, Perspectiva, 1984. p. 43 e 44.
- 31 HAROUEL, Jean-Louis. Op. Cit. p. 119.
- 32 Loc. Cit.
- 33 Escola de arquitetura e arte que funcionou na Alemanha pré-nazista: Weimar (1919) e Berlim (1931).
- 34 Ver: BRADBURY, Malcom, McFARLANE, James. Modernismo: guia geral (1890-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- 35 Ver: GROPIUS, Walter. CIAM (1928-1953). In: GROPIUS, Walter. Op. Cit. p. 139 a 141; SCHERER, Rebeca. Apresentação. dez. de 1986. In: LE CORBUSIER (1887-1965). A Carta de Atenas. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1989; HARQUEL, Jean-Louis. Op. Cit.
- 36 Ver: BENEVOLO, Leonardo. Op. Cit. P. 597 a 646; CIUCCI, Giorgio et alii. La ciudad americana: de la guerra civil al New Deal. Barcelona: Editorial Gustavo, Gili, 1975.
- 37 Ver: WOLFE, Tom. Da Bauhaus ao nosso caos. Rio de Janeiro: Rocco, 1990. O texto original, em inglês, é de 1981.

- 38 Cf. KOPP, Anatole. L'architecture de la période stalinienne. Grenoble: Presses Universitaires, 1978. Trata-se de alentado levantamento e análise da arquitetura produzida com base no "realismo socialista" durante o longo governo de Stalin.
- 39 Le Corbusier foi um dos mais prolíficos arquitetos modernistas. Desenvolveu entre 1905 e 1965, dezenas de projetos nos seguintes países: Suíça, França, Bélgica, Alemanha, Argentina, Brasil, Argélia, Chile, União Soviética, Espanha, Suécia, Colômbia, Índia, Iraque, Itália, Japão, Chade e Estados Unidos. Só não produziu para a Oceania. As suas idéias percorreram literalmente o planeta, na elegância de seus textos e de seu traço arquitetônico. Uma parcela bastante expressiva dos seus projetos foi executada. Fonte: FONDATION LE CORBUSIER. ARCHITECTURE: plans and archives. Paris, nov. 1988.
- 40 Ver: SCHERER, Rebeca. Op. Cit.
- 41 Id. ibid.
- 42 ARMAND, F., MAUBLANC, R. Fourier. México: Fondo de Cultura, 1940. p. 343. Tradução feita LCL.
- 43 Cf. LUKÁCS, Georg. Estética. Barcelona/Ciudad do México: Grijalbo, 1967. v.1, t.4, p.140 e 141.
- 44 HABERMAS, Juergen. Arquitetura Moderna e pós-Moderna. In: Novos Estudos CEBRAP, n.18, p. 115 a 124, set. 1987.
- 45 Id. Ibid.
- 46 RELPH, Edward. A paisagem urbana moderna. Lisboa, Edições 70, 1990. A edição original em inglês é de 1987.
- 47 Ver: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.) Pós-modernismo e política. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. Coletânea de textos originalmente publicados nos EUA e na Inglaterra. A Introdução foi escrita pela organizadora.
- 48 KOPP, Anatole. Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa. São Paulo: Nobel/EDUSP, 1990. p. 252 e 253. Escrito entre 1985 e 1986.
- 49 BRUAND, Yves. Arquitetura contemporânea no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- 50 Gustavo Capanema Filho nasceu em Pitangui (MG) em 10 de agosto de 1900. Filho de tradicional família mineira, emergiu na política durante a Era Vargas. Foi ministro da Educação e Saúde, entre 1934 e 1945 e, sempre cultivou amizades com intelectuais de várias vertentes, inclusive, os próximos ao Partido Comunista. Teve importante papel na modernização dos serviços estatais nas áreas de seu ministério. Em 1945, elegeu-se, deputado federal por Minas e continuou como parlamentar nas duas legislaturas seguintes, sempre pelo PSD. Durante o governo JK foi nomeado ministro do Tribunal de Contas da União. Voltou à condição de deputado em 1962 e, nesta condição, apoiou o movimento militar de 1964. Ingressou na ARENA em 1966 e foi cogitado para ser o vice de Costa e Silva, em 1966. Ocupou o cargo de senador arenista (MC), em 1970. Em 1979 encerrou sua carreira política e fixou residência no Rio de Janeiro. Fonte: Dicionário FGV-CPDOC.
- 51 Le Corbusier permaneceu no Brasil de 1 de julho a 15 de agosto de 1936. Neste período, preferiu várias conferências e acompanhou, em dois ateliês distintos, a definição do projeto do Ministério e o de uma Cidade Universitária a ser construída no Rio de Janeiro.
- 52 BRUAND, Yves. Op. Cit. p. 81 a 93.
- 53 Id. ibid.
- 54 Oscar Niemeyer Soares Filho nasceu no bairro de Laranjeiras, Rio de Janeiro, em 15 de dezembro de 1907. É filho de uma família da classe média tradicional carioca. O seu avô era ministro do Supremo Tribunal Federal. Viveu a infância e adolescência na sua casa. Concluiu o curso de Arquitetura, na Escola Nacional de Belas Artes, em 1934. Desde 1945, é ativo militante do Partido Comunista Brasileiro. Produziu inúmeros projetos de arquitetura no Brasil e no exterior. Recebeu grande quantidade de prêmios e condecorações. Publicou vários artigos, principal-

- mente, na Revista Módulo, da qual foi, durante longo tempo, o mais significativo mantenedor. Escreveu alguns pequenos ensaios onde resumiu suas idéias, experiências e trabalhos em estilo e objetivo. Tornou-se um dos mais internacionalmente conhecidos intelectuais brasileiros.
- 56 Um complexo arquitetônico — late Clube, Cassino (hoje, Museu), Casa do Baile, Igreja, etc. — construídos ao redor de um lago artificial, quando JK era prefeito de Belo Horizonte (MG). O conjunto é ligado ao centro de capital mineira por uma auto-estrada de quase sete quilômetros. Na Pampulha, já houve a integração de esculturas e pinturas — Cândido Portinari, Alfredo Ceschiatti, Burtel Marx, dentre outros — com a arquitetura de Niemeyer e a presença de Joaquim Cardozo, encarregado do cálculo estrutural. Um ensaio para Brasília.
- 57 NIEMEYER, Oscar. Depoimento. Brasília: ArPDF, junho de 1989.
- 58 VER: SODRÉ, Nelson Werneck. Oscar Niemeyer: 59 Id. Ibid.

- Darcy Ribeiro, Ferreira Gullar e Sabino Barroso entrevistam Niemeyer. Rio de Janeiro: Graal, 1978. Livro escrito para comemorar os 70 anos do arquiteto; PUPPI, Lionello. A Arquitetura de Oscar Niemeyer. trad. de Luiz Mario Gazzaneo. São Paulo: GTO/Revan, 1987. Uma defesa apaixonada da obra do arquiteto e de seus seguidores.; CAMPA, Ricardo. A reta e a curva: reflexões sobre nosso tempo com Oscar Niemeyer, Mário Schenberg e Celso Furtado. São Paulo: Max Limonad, 1986; SPADE, Rupert (org.) & FUTAGAWA, Yukio (fl.). Oscar Niemeyer. New York/Japan: Simon and Schuster, 1971. 77 fts. Trata-se de biografia de Niemeyer, acompanhada de uma cronologia de suas obras, fotografias, cópias de plantas e projetos: NIEMEYER, Oscar. Quase memórias: viagens (tempos de entusiasmos e revolta 1961-1966). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- A forma na arquitetura. Rio de Janeiro: Avenir, 1978; XAVIER, Alberto. Op. Cit.
- 61 Lúcio Costa é filho de brasileiros. Nasceu em 27 de fevereiro de 1902 em Toulon, na França. O seu pai era oficial da Marinha e engenheiro naval. No mesmo ano de seu nascimento, a família retornou ao Brasil. Lúcio Costa voltaria para Europa em 1910, lá ficando e estudando até 1916. Morou na Inglaterra, França e Suíça. Nesta, permaneceu por maior tempo. Em 1917, já estava no Brasil estudando na Escola Nacional de Belas-Artes. Começou a trabalhar em arquitetura no início da década de 1920. Segundo ele, era completamente alheio ao Modernismo até os anos trinta. Fonte: COSTA, Lúcio. Depoimento. Rio de Janeiro, ArPDF, maio 1988.
- 62 Ver: COSTA, Lúcio. Arquitetura brasileira. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952. (coletânea "Os Cadernos da Cultura"); Sobre arquitetura. Porto Alegre: Centro dos Estudantes Universitários de Arquitetura, 1962; Razões de la nueva arquitectura — 1934 — y otros ensayos. Lima: Embajada del Brasil, 1986. Coletânea, traduzida para o espanhol, de ensaios, artigos para imprensa e o relatório justificativo do Concurso do Plano Piloto publicados, originalmente, entre 1934 e 1961; XAVIER, Alberto. (org.) Po. Cit.

\* Luis Carlos Lopes é professor do Departamento de Ciência da Informática e Documentação da Universidade de Brasília e pesquisador do Arquivo Público do Distrito Federal. Endereço para correspondência: HCDGN 711, bloco J casa 21 70750-770 — Brasília-DF. Ilustrações retiradas da obra "Brasília, Trilha Aberta", editada pelo GDF.